

**“QUE SAIR O QUÊ, EU TÔ ESCRREVENDO UM ARTIGO”: UMA
ANÁLISE CONSTRUCIONISTA DAS CONSTRUÇÕES [QUE
MANÉ X], [QUE X O QUÊ] E [QUE X QUE NADA] DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO.**

**“QUE SAIR O QUÊ, EU TÔ ESCRREVENDO UM ARTIGO”: A
CONSTRUCTIONIST ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION [QUE
MANÉ X], [QUE X O QUÊ] E [QUE X QUE NADA] OF BRAZILIAN
PORTUGUESE.**

Diogo Oliveira Ramires Pinheiro¹
Paula Sasse da Rocha²

RESUMO

Este estudo visa investigar três expressões idiomáticas do português brasileiras, que aqui são identificadas pelos padrões [Que Mané X], [Que X que nada] e [Que X o quê] e aparecem em sentenças como: "Que mané sair, tenho que estudar.", "Que sair o quê, tenho que estudar." e "Que sair que nada, tenho que estudar.". A aparente intercambialidade dessas expressões apresenta um problema para algumas teorias funcionais, visto que estas defendem que padrões sintáticos distintos devem apresentar semânticas também distintas. Sendo assim, questiona-se: quais são as similaridades entre os padrões? E suas distinções? À luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), defendemos que cada um desses padrões é uma construção gramatical distinta, e juntas formam uma família construcional denominada aqui de família de construções semipreenchidas de rejeição enfática. Desse modo, acredita-se que as três construções tanto compartilham como apresentam distintas propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas. A fim de averiguar tais questões foi realizada uma análise qualitativo-interpretativa e quantitativa a fim de: (i) descrever as propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções em foco; (ii) definir as motivações por trás das propriedades formais das nossas construções; e (iii) diferenciar semântico-pragmaticamente as três construções.

¹ Doutorado em Linguística pela UFRJ e pós-doutorado ("visiting scholar") na área de Linguística pela Universidade de Lancaster (Inglaterra). E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8691039251844677>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Licenciatura Português - Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: paulasassedarocho@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8691039251844677>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0769-745X>.

Palavras-chave: Gramática de construções; *Idioms*; Português brasileiro.

ABSTRACT

This study aims to investigate three idiomatic expressions from Brazilian Portuguese, which are identified here by the patterns [Que Mané X], [Que X que nada], [Que X o quê] and appear in sentences such as: “Que mané sair, tenho que estudar.”, “Que sair o quê, tenho que estudar.” and “Que sair que nada, tenho que estudar.”. The apparent interchangeability of these expressions presents a problem for some functional theories, since they argue that different syntactic patterns should also have different semantics. So the question arises: what are the similarities between the patterns? What are their distinctions? In the light of the Grammar of Constructions Based on Usage (GCBU), we argue that each of these patterns is a distinct grammatical construction, and together they form a constructional family called here the emphatic rejection semi-filled constructional family. In this sense, we believe that the three constructions both share and have distinct syntactic and semantic-pragmatic properties. In order to investigate these issues, a qualitative-interpretative and quantitative analysis was carried out in order to: (i) describe the formal and semantic-pragmatic properties of the constructions in focus; (ii) define the motivations behind the formal properties of our constructions; and (iii) differentiate the three constructions semantically-pragmatically.

Key words: Construction grammar, Idioms, Brazilian portuguese.

Introdução

As expressões idiomáticas, ou *idioms*, foram centrais nas críticas que o modelo gerativista passou a sofrer a partir dos anos 1980 (KAY, 1984; FILMORE, 1985) e, por isso, historicamente, foram responsáveis pela emergência do modelo conhecido como Gramática de Construções. Isso porque, embora apresentem significado que não é dedutível a partir das palavras que as compõem, elas podem ser produtivas, ou seja, vão além das expressões fixas e preenchidas como “Chutar o pau da barraca” ou “Encher linguiça”. Esse tipo de expressão se apresenta um problema para o modelo gerativista, pois não se adequa ao léxico, ou seja, na lista de palavras que constitui a língua, nem nas regras que são aplicadas ao léxico para formar sentenças. Essas expressões apresentam algumas características típicas do léxico e outras típicas de regras, de modo que não são facilmente acomodadas pelo modelo.

Por impulsionarem a criação da Gramática de Construções, teoria que surgiu nos Estados Unidos, os *idioms* foram muito estudados na língua inglesa, temos exemplos como “let alone” (KAY; FILMORE; O’CONNOR, 1988) e “kind of/ sort of” (KAY, 1984). Porém, estudos construcionistas sobre idiomatismos sintáticos são menos

comuns no português brasileiro³, principalmente quando se trata de construções que não são completamente preenchidas.

A fim de contribuir para reduzir essa lacuna, escolhemos trabalhar com três construções idiomáticas do português brasileiro: [Que Mané X], [Que X que nada] e [Que X o quê]. As sentenças abaixo ilustram o emprego dessas construções:

- (1) Que mané terminar a faculdade, ainda tenho várias matérias para fazer.
- (2) Que sair de casa o quê? Tô fazendo isolamento social.
- (3) Que eleição que nada, a gente mal tem uma democracia nesse país.

Aqui assumimos que tais construções fazem parte de uma grande família construcional, à qual nos referimos como Família de Construções Idiomáticas Semipreenchidas de Rejeição Enfática. Denominamo-las assim pois: (i) são construções idiomáticas, isto é, seus significados totais vão além da soma dos significados dos itens que as constituem; (ii) são semipreenchidas, ou seja, apresentam elementos fixos como “Que”, “Mané” e “nada”, mas também apresentam um *slot* (X) que pode ser preenchido com incontáveis palavras e orações; (iii) expressam rejeição enfática, isto é, costumam ocorrer em contexto de interação, como respostas negativas enfáticas ao que foi proposto anteriormente, como é possível observar em (1), em que o falante rejeita a ideia de que terminará a faculdade por ter muitas matérias ainda por fazer. Tal ideia será desenvolvida ao longo deste artigo.

Neste estudo temos três objetivos principais: o primeiro é descrever as três construções escolhidas sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU); os outros dois objetivos se relacionam com a verificação de dois dos Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico de Goldberg (1995): o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não-Sinonímia. Desse modo, traduzimos esses três objetivos em três perguntas de pesquisa: (i) quais são as propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções em foco?; (ii) qual a motivação por trás das propriedades formais das construções [Que Mané X], [Que X

³ Existem algumas exceções, como o estudo da construção “Um monte de SN” (ALONSO; FUMAUX, 2017).

que nada] e [Que X o quê]?; e (iii) quais são as distinções semântico-pragmáticas entre as três construções estudadas?

Para tentar responder tais questões, este artigo apresenta a estrutura que se segue: Na próxima seção, serão apresentados os métodos utilizados para a coleta e análise dos dados. Em seguida, apresentamos a análise das construções em pauta, com as respostas que propomos para cada uma das nossas perguntas de pesquisa, utilizando-nos dos princípios da GCBU, dos Princípios Psicológicos de Organização do Conhecimento Linguístico (GOLDBERG, 1995) e dos conceitos da Pragmática relevantes para a pesquisa. Por fim, na última seção sintetizamos os principais achados e ponderamos sobre os possíveis desenvolvimentos do trabalho.

Método

O nosso estudo tem como base a Gramática de Construções Baseada no Uso, de modo que priorizamos trabalhar com dados reais, isto é, com o uso linguístico espontâneo. Sendo assim, optamos por coletar dados em *corpora*, que são construídos a partir de enunciados produzidos naturalmente pelo falante.

Encontramos dados no Corpus do Português⁴, que está disponível no link <https://www.corpusdoportugues.org/now>. Esse *corpus* foi escolhido por ser o único com cotexto extenso o suficiente para permitir uma análise qualitativa apropriada para os dados encontrados.

Nele, usamos a ferramenta Now, que apresenta dados de jornais e revistas online, desde 2012 até à atualidade, de quatro países de língua portuguesa. Para realizar as pesquisas, usamos três comandos distintos: “que mané”, “o quê” e “que nada”. Nas buscas das construções [Que X o quê] e [Que X que nada], o primeiro “que” não foi incluído no comando, pois a plataforma não permite a pesquisa de um número indefinido de palavras entre esse primeiro item das construções e as sequências pós *slot*, “o quê” e “que nada”.

Em nossas buscas, foram encontradas diversas ocorrências, porém nem todas elas foram consideradas válidas. Para ser válida, a ocorrência tinha que estar escrita em

⁴ Também foram encontrados dados no Corpus Brasileiro (<https://www.linguateca.pt>); nesse corpus, porém, o texto de onde o dado é coletado não é mostrado em sua totalidade, o que comprometeu sua análise. Por isso, os dados coletados a partir desse corpus foram excluídos das nossas análises.

português brasileiro e manifestar a construção procurada. Ao utilizar os comandos mencionados anteriormente (“que mané”, “o quê” e “que nada”), foram encontradas, respectivamente, 49, 6769 e 15079 ocorrências. E, ao aplicarmos os critérios já explicados, restaram apenas 11, seis e oito ocorrências válidas. Após a coleta dos dados válidos, submetemo-los a uma análise qualitativo-interpretativa e quantitativa. Evidentemente, a quantidade de dados disponíveis no corpus consultado não permite uma análise quantitativa robusta. Ainda assim, como se verá adiante, mesmo esse baixo número de ocorrências nos permitiu, ao menos, vislumbrar alguns padrões interessantes, que podem servir como ponto de partida para pesquisas futuras. Por meio dessas duas análises, buscamos cumprir os seguintes objetivos: (i) descrever as propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções em foco; (ii) definir as motivações por trás das propriedades formais das nossas construções; e (iii) diferenciar semântico-pragmaticamente as três construções.

Descrevendo as construções em foco

O polo da forma

Ao analisarmos o polo da forma das três construções em foco, notamos que todas apresentam o item “Que” na posição inicial e uma aparente restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. Assim, imagine as situações abaixo:

(4) Falante 1: Quero comprar um carro novo!

Falante 2: Que mané carro novo! Você não tem dinheiro nem para ir na esquina comprar um picolé!

(5) Falante 1: Quero comprar um carro novo!

Falante 2: ? Que mané um carro novo! Você tá cheio de dívidas.

(6) Falante 1: Vamos comprar um carro novo?

Falante 2: Que mané comprar um carro novo! Você quase não usou o seu carro atual!

(7) Falante 1: Vamos comprar um carro novo?

Falante 2: ? Que mané vamos comprar um carro novo! Você acabou de perder o emprego!

Nos exemplos acima, temos duas situações distintas. Em (4) e (5), o Falante 1 enuncia uma sentença em que o verbo “comprar” é seguido do determinante “um”, enquanto o Falante 2 varia a sua resposta. O uso da construção [Que Mané X] em (4) é gramatical e não apresenta o determinante após “Mané”, porém em (5) temos um enunciado que parece produzir algum grau de estranhamento em relação ao uso do determinante⁵. Isso é indício de que há uma restrição quanto ao uso de determinante nessas construções.

Os exemplos (6) e (7) se diferenciam dos dois primeiros por apresentarem um enunciado em que há o marcador modo-temporal “vamos”. A presença dessa expressão também diferencia as respostas (sentenças dos Falantes 2) contidas nesses exemplos.

Em (6), temos um uso gramatical da construção [Que Mané X] em que o falante completa o *slot* X apenas com “comprar um carro novo”, excluindo o “vamos”. Por outro lado, em (7) temos uma sentença cujo grau de aceitabilidade parece, pelo menos, ser inferior ao da resposta em (6) – e, aqui, o item “vamos” encabeça o *slot* X. Tal diferença indica que os marcadores modo-temporais não são bem recebidos na construção, ou seja, parece haver, em alguma medida, uma restrição para o seu uso nas construções estudadas.

Portanto, no polo da forma das construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X Que Nada], temos o elemento “Que” inicial e uma restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. Essas são as características formais que são compartilhadas entre as três construções. As propriedades semântico-pragmáticas delas serão apresentadas a seguir.

O polo do significado

Em relação às propriedades semântico-pragmáticas das três construções em pauta, propomos aqui que seu traço mais saliente é o fato de que *devem ser usadas em contexto de réplica e desempenham a função comunicativa de negar enfaticamente uma*

⁵ As intuições em relação ao uso do determinante parecem variar bastante entre os falantes do PB. As reflexões aqui apresentadas refletem a intuição da autora.

proposição pressuposta. Essa negação pode ser sintetizada como: [Não é verdade que X], sendo X a proposição pressuposta. Para ilustrar tal ideia, vejamos alguns exemplos retirados do *corpus*:

- (8) (a) Que mané Arena, estádio bonito é o Morun-tri cambada!!!!
- (b) Comentário 1: Contrata o Alex do Inter.....;
- Comentário 2: Alex colocaria o meio campo do São Paulo no eixo está no mercado...
- Comentário 3: Que mané Alex, já temos Cueva e Lucas Fernandes... Além do Shaylon agora e o Cícero que pode atuar na criação também... Pra que mais 1?
- (9) (a) Paula elogia Breno e o arquiteto diz que ela está de "migué". A empresária então afirma que não tem motivos para mentir e que não faz a linha de quem fica elogiando as pessoas. "Que 'migué' o quê? Não fico falando isso para os outros, não. Eu não ganho nada com isso, só perco no final. Quando fico enchendo a bola dos outros, a pessoa fica aí e a fila aumenta...
- (b) Adrilles demonstrou ter a mesma opinião de Marco. “Segunda semana é crueldade, sim”, opina o mineiro. Talita não escuta calada: “Que crueldade o quê? Tenho que me colocar pra te poupar, meu amor? Faz parte do jogo.”
- (10) (a) Que quentinha que nada! Na galeria C da Cadeia Pública José Frederico Marques, em Benfica, que o ex-governador do Rio Sérgio Cabral divide com seus aliados, o menu é coisa fina.
- (b) Que Temer, que nada. Na noite de domingo, SBT e Rede TV! não deram nem tchuns para o pronunciamento do presidente sobre a questão dos caminhoneiros. Nem para o que estava acontecendo nas ruas ou estradas. Acharam mais importante continuar com Silvio Santos e as pegadinhas do “Encrenca”.

O exemplo (8a) foi retirado de um comentário feito em uma reportagem sobre os treinos e o jogo da seleção brasileira que ocorreriam na Arena Corinthians, que é um estádio de futebol pertencente ao clube de mesmo nome. Para analisá-lo, vale relembrar

que, nos termos do Lambrecht (1994), as sequências textuais presentes vão acrescentando novas proposições ao estado de conhecimento corrente do leitor e que, no momento em que é postado o comentário (assumindo-se que ele tenha lido antes a reportagem), ele dialoga com uma dessas proposições.

A reportagem salienta que alguns treinos serão realizados no estádio do Morumbi, porém os treinos fechados pré-jogo e o jogo contra o Paraguai acontecerão na Arena. Em outras palavras, os eventos mais importantes e significativos ocorrerão nesta última. Esse privilégio permite que o Falante 2 construa uma proposição pressuposta de que há uma hierarquia entre os dois estádios e que a Arena Corinthians é melhor ou mais digna de receber tais eventos. E é exatamente essa proposição que é negada pelo uso da construção [Que Mané X], visto que ele acredita que o Morumbi é um estádio melhor e mais digno de receber a seleção, tanto que ele faz um trocadilho entre “Morumbi” e “Morun-tri”, fazendo referência às três vezes em que o São Paulo foi campeão mundial. Isto é, propomos que o enunciado em (8a) veicula a proposição *O Morumbi é um estádio mais digno que a Arena*, ao mesmo tempo em que essa proposição é construída como a rejeição da proposição pressuposta *A Arena é mais digna que o Morumbi*. Por fim, note-se que o próprio fato de esse ser um comentário em uma postagem na internet já sugere que o contexto em que aparece é de réplica, ou seja, de diálogo com algo que foi dito anteriormente.

O exemplo (9a) foi retirado de uma reportagem. Entretanto, nesse caso, a reportagem narra uma conversa ocorrida no reality show Big Brother Brasil. Em certo momento da narração, o autor emprega uma estrutura de discurso reportado, portanto, supostamente, reproduz de forma literal uma fala dos participantes. Nela, a participante Paula elogia um outro confinado, Breno. Porém, ele parece não acreditar na sinceridade do elogio, acusando-a de estar de ‘migué’. A fim de negar tal acusação, Paula usa a construção [Que X o quê]. Vale lembrar que, a cada fala da interação, o que foi dito se torna um conhecimento compartilhado, ou seja, um pressuposto “armazenado” na mente dos participantes da interação. Desse modo, ao usar a construção de negação enfática, a participante Paula nega a proposição pressuposta de que ela está de migué.

No exemplo (10a), diferentemente dos outros, a proposição a ser negada não está explícita na sequência interacional. Entretanto, isso não significa que ela não acontece

em contexto de réplica; quer dizer apenas que essa réplica ocorre em relação a uma ideia que foi explicitada anteriormente na interação. Nesse caso, o uso de [Que X que nada] ocorreu em uma reportagem sobre a alimentação de Sérgio Cabral durante sua estadia na cadeia, visto que foram encontrados queijos importados e caríssimos em sua cela. O autor inicia seu texto usando uma instância da construção, o que deixa claro que não há menção prévia à proposição a ser negada. Trata-se, em vez disso, de uma réplica negativa a um conhecimento enciclopédico compartilhado, segundo o qual pessoas encarceradas não têm refeições elaboradas ou muito boas. Em outras palavras, o fato de Cabral, um prisioneiro, consumir alimentos finos vai de encontro ao conhecimento de mundo sobre a alimentação em prisões. Desse modo, a construção é usada para negar a proposição pressuposta de que Cabral está comendo mal, com base no conhecimento compartilhado de que prisioneiros comem mal e que Cabral agora é um prisioneiro, mostrando a realidade do ex-governador.

Como vimos, as três construções aqui analisadas aparecem em contexto de réplica, negando uma proposição pressuposta. Porém, os contextos em que elas aparecem são diversos. Especificamente, nossa análise revelou que as proposições pressupostas podem se manifestar de três maneiras: atreladas ao discurso anterior de forma explícita, atrelada ao discurso anterior de forma implicada ou baseada no conhecimento compartilhado. Para esclarecer essa proposta, vamos explorar as passagens (b) dos exemplos acima.

Em (9b), podemos observar a proposição pressuposta atrelada ao discurso anterior de forma explícita. A interação citada foi retirada de uma notícia sobre uma conversa ocorrida no reality show *Big Brother Brasil*. Nesse trecho, um dos participantes, Adrilles, concorda com outro participante sobre o fato de ser cruel dar o “monstro”, uma prenda dada para certos participantes escolhida por um participante com esse poder, duas semanas seguidas. Tal ideia é negada por Talita, a participante que designou o monstro para o participante em questão, que afirma que apenas faz parte do jogo. Desse modo, a proposição pressuposta é de que indicar novamente o mesmo participante para ser o “monstro” é crueldade, e a asserção veiculada a partir do uso da construção [Que X o quê] é a de que não é verdade que esse ato seja crueldade.

Portanto, a proposição pressuposta negada pela construção está explícita no discurso anterior ao seu uso.

No exemplo (8b), temos uma proposição pressuposta atrelada ao discurso anterior de forma implicada. Para compreendermos tal ideia, precisamos relembrar alguns conceitos trabalhados anteriormente. Sabemos que o significado de um enunciado vai além do que é falado, pois existem as máximas de Grice (1975) e as implicaturas conversacionais (LEVINSON, 2000). As máximas são a concretização do princípio de que os falantes se esforçam e agem com o intuito de tornar a interação bem sucedida. Essas máximas estão na base da produção de significados implícitos conhecidos como implicaturas conversacionais, que podem, adicionalmente, ser generalizadas (isto é, independentes do contexto) ou particularizadas (isto é, específicas ao contexto em que são geradas).

O exemplo (8b) foi retirado da seção de comentários de uma reportagem de um jornal. Nela, o jornalista reporta a contratação de um atacante pelo clube de futebol São Paulo. Levando em consideração a movimentação do clube, um leitor sugere a contratação do jogador Alex, o que é aceito como uma boa ideia pelo autor do comentário 2, que complementa comentando sobre o efeito positivo que a contratação do jogador poderia trazer. Entretanto, tais ideias são refutadas no comentário 3, que revela o ceticismo do enunciadador em relação à eficácia dessa possível contratação.

Aplicando as ideias de Grice a esse exemplo, podemos dizer que “Contrata o Alex”, embora não expresse uma proposição (porque realiza um comando), gera uma proposição via implicatura. Especificamente, a proposição implicada é a de que “Alex seria uma boa contratação para o clube”. Essa implicatura decorre da observação da máxima da qualidade (verdade): a lógica subjacente é a de que, se alguém dá uma sugestão, é porque a pessoa genuinamente acredita que se trata de uma boa sugestão, isto é, de uma recomendação que deve ser seguida (fazer o contrário disso, sugerindo algo em que não se acredita, seria enganar o interlocutor, o que não é um comportamento conversacional cooperativo). Assim, em (8b), o autor do comentário 1 sugere a contratação e, a partir disso, e levando-se em conta a máxima da verdade, é implicado que *a adição do Alex ao time será positiva*. Por fim, é essa proposição pressuposta, inferida graças à existência da máxima da qualidade, que é negada pelo uso

da construção [Que Mané X]. Desse modo, o comentário 3 veicula a asserção de que não é verdade que o Alex seria uma contratação interessante para o clube e nega, assim, a implicatura gerada pela enunciação do comentário 1.

Por fim, em (10b), o enunciado foi retirado de uma reportagem que noticia a falta de espaço recebido por um pronunciamento do ex-presidente Michel Temer em dois canais de televisão. O uso da construção [Que X que nada] ocorre no início da reportagem, sem que houvesse qualquer sequência prévia, de modo que a proposição negada pela construção não poderia estar atrelada ao discurso anterior, seja de forma explícita ou implicada. Nesse artigo, a proposição pressuposta é de que o discurso de Michel Temer é de grande importância e seria televisionado, o que decorre do conhecimento compartilhado de que a fala de um “presidente” é relevante e importante e, por isso, recebe atenção dos canais de televisão. A partir disso, a asserção veiculada pelo uso da construção [Que X que nada] é a de que não é verdade que os canais de televisão mostraram o pronunciamento de Temer.

Sendo assim, as três construções em foco neste estudo compartilham algumas propriedades semântico-pragmáticas. As três são utilizadas em contexto de réplica como negação de uma proposição pressuposta, que pode, por sua vez, estar vinculada ao discurso anterior (de forma explícita ou via implicatura) ou ao conhecimento compartilhado. Em seguida, iremos verificar se os princípios goldbergianos se provam verdadeiros em relação às construções aqui apresentadas.

A motivação das propriedades formais

Este estudo tem como uma de suas bases os princípios psicológicos de organização do conhecimento linguístico de Goldberg (1995), e um deles é o Princípio da Motivação Maximizada. Esse princípio dita que, se uma construção se relaciona a outra formalmente, então uma motiva a outra, na medida em que elas se relacionam semanticamente.

A partir disso, buscamos, por meio de nossas análises, encontrar quais outras construções motivam as três construções aqui estudadas. Espelhando-nos em Goldberg e Avera (2012), construímos uma rede de construções conectando as três construções em foco com aquelas que as motivam. A rede está apresentada na figura abaixo:

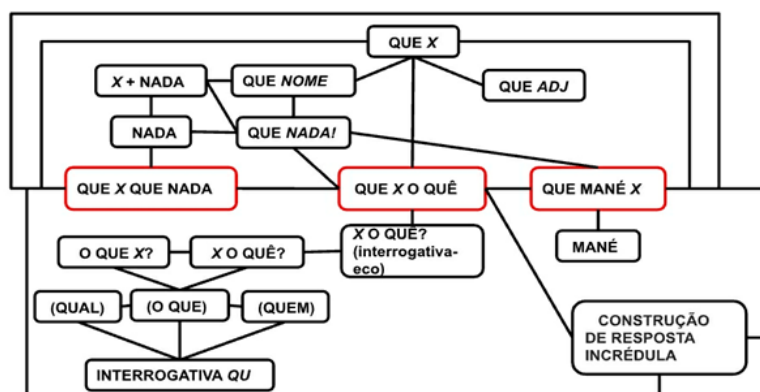


FIGURA 1 – Rede de Motivação das construções em foco

Na imagem acima, temos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada] destacadas em vermelho. Observa-se que elas estão interligadas por linhas horizontais, o que captura o fato de que uma motiva a outra e que elas compartilham propriedades formais e semântico-pragmáticas.

Para além disso, as três estão ligadas também a uma construção mais abstrata [Que X], que licencia duas construções mais concretas: [Que Nome] e [Que Adj], como “Que mulher!” ou “Que linda!”. Ao enunciar “Que mulher!”, o falante não quer dizer apenas que aquela pessoa é uma mulher, mas sim que é uma mulher maravilhosa, incrível. O mesmo ocorre com “Que linda!”: não é o mesmo que falar “Ela é linda”; trata-se, a rigor, de um julgamento enfático.

Tal característica também é observada nas construções em foco. Ao usar “Que mané carnaval! Eu quero é dançar quadrilha”, há uma negação enfática em relação à ideia de carnaval, muito mais forte do que se fosse dito, por exemplo, “Não gosto de carnaval, prefiro Festa Junina”. Portanto, percebemos que as três construções herdam no polo da forma a palavra “Que” em posição inicial e, no polo do significado, o valor de intensificação.

Para explicar mais cuidadosamente as outras ligações presentes na rede apresentada, vamos fazer alguns recortes e tratar de cada um deles separadamente.

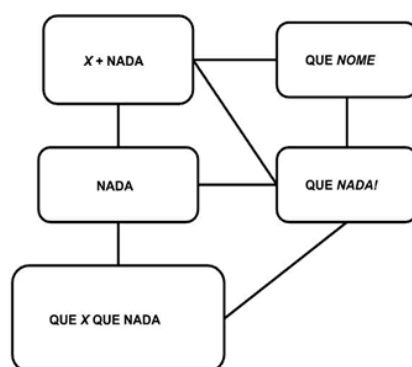


FIGURA 2 – Rede de motivação da construção [Que X que nada]

Nesta imagem, temos a construção [Que Nome], que é uma construção mais concreta ligada à construção [Que X]. No mesmo nível, temos a construção [X + Nada], em que X pode ser um nome, um verbo ou um elemento de outra classe gramatical. Por exemplo, se um falante pergunta a outro “Você vai à festa amanhã?”, esse segundo falante pode responder “Vou nada!”. Porém, seu uso em outros contextos, como no meio de uma narrativa, é pragmaticamente mal-sucedido, vejamos: *“Amanhã eu combinei de ir à praia com o meu pai e depois vamos a um jogo de futebol, vou nada para a casa da minha avó. Mesmo lá tendo a melhor comida de todas”. A partir desse exemplo, fica claro que “vou nada” não é intercambiável com “não vou”: esse uso só é bem sucedido em contexto de réplica. Assim, no polo da forma, essa construção já apresenta o item “nada” e, no polo do significado, ela apresenta a ideia de negação e a especificação de que essa negação deve se dar necessariamente em contexto de réplica.

Palavras também são construções gramaticais, de modo que a construção [Nada] está ligada a todas as construções que apresentam esse item no polo da forma. No caso desta pesquisa, as construções que nos interessam e que apresentam o item “Nada” são: [Que Nada!], [X + Nada] e a mais importante entre essas, [Que X que nada]. Dessa maneira, todas elas herdam no polo da forma o item “nada” e, no polo do significado, mais uma vez, a ideia de réplica negativa.

Em seguida, discutiremos a parte da rede que foca na construção [Que Mané X] e as suas relações:

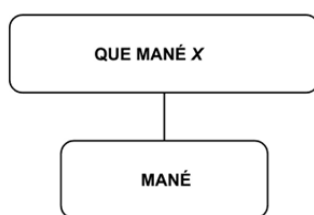


FIGURA 3 – Rede de motivação da construção [Que Mané X]

Como dito anteriormente, palavras são construções gramaticais. Desse modo, a palavra “Mané” é uma construção que nos interessa e que motiva a construção [Que Mané X]. Assim, a construção [Que Mané X] herda da construção [Mané] o item “mané” no polo da forma e, no polo do significado, a conotação pejorativa, isto é, o valor depreciativo associado a esse termo.

A próxima construção ressaltada e analisada é a [Que X o quê], conjuntamente com as construções que a motivam, como mostra a figura a seguir:

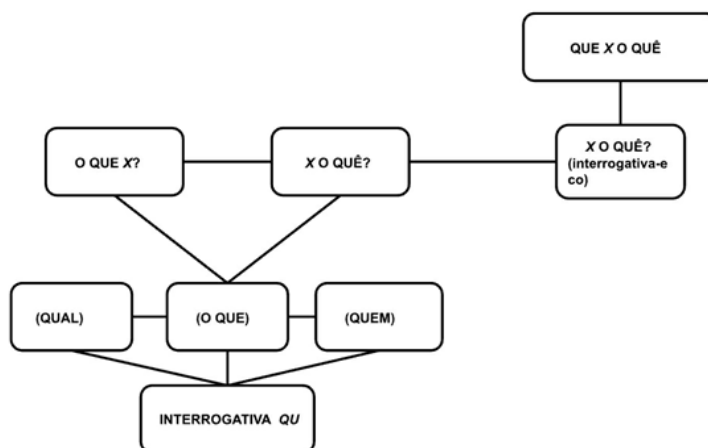


FIGURA 4 – Rede de motivação da construção [Que X o quê]

A rede que integra as construções em foco também contém a construção abstrata [Interrogativa QU], em que não há especificação da palavra qu- ou de sua posição na sentença interrogativa. Ela licencia outras três construções, de um nível mais baixo, que já apresentam a especificação da palavra qu-, mas não de sua posição na sentença. Elas são: [(Qual)], [(O Que)] e [(Quem)]. Para indicar essa indeterminação em relação à posição da palavra qu-, usamos, como notação arbitrária, os parênteses. Temos ainda um nível mais baixo e mais concreto dessas construções, que contém as construções [O que

X?] e [X o quê?], como em “O que aconteceu?” e “Aconteceu o quê”. Nelas, já temos a especificação da posição da palavra qu-.

O mais interessante é que a construção [X o quê] está ligada a outra [X o quê], porém essa segunda construção é uma interrogativa-eco. Esse tipo de construção aparece em situações como:

Falante 1: Você não sabe, eu bem matei uma pessoa ontem.

Falante 2: Você fez o quê?

Pelo exemplo, fica claro que esse tipo de interrogativa não é de fato uma pergunta, isto é, ela não exige resposta. O seu intuito, na verdade, é demonstrar perplexidade, incredulidade. Sendo assim, a construção [Que X o quê] herda, no polo da forma, o item interrogativo “o quê”⁶ e, no polo do significado, a especificação relativa ao contexto de réplica e à conotação de incredulidade.

Após analisar as nossas três construções principais e as suas relações individuais, vamos olhar para uma construção comum às três:



FIGURA 5 – Rede de motivação da construção Mad Magazine

Nessa figura, temos a construção chamada de Construção de Resposta Incrédula, uma construção semelhante a uma do inglês com o mesmo nome (SZCZESNIAK, 2015). Para compreender o uso dessa construção do inglês, também conhecida como *Mad Magazine Construction* (LAMBRECHT, 1990), imagine que John não é uma pessoa vaidosa e que não costuma se arrumar; assim, quando alguém diz “John will be wearing a tuxedo tonight”, é possível responder “Him wear a tuxedo?”. Repare que a

⁶ Há a possibilidade dessa construção também herdar no polo da forma a prosódia de uma interrogativa, porém é necessário um estudo prosódico para verificar tal ideia.

resposta não poderia ser “*Him will be wearing a tuxedo?”, o que demonstra uma restrição a marcadores modo temporais. Como se observa, a construção apresenta o sujeito no acusativo seguido por um verbo no infinitivo e aparece em contextos de resposta incrédula.

Em português, temos uma forma similar. Imagine que Pedro é muito preguiçoso, nunca faz nada em casa e alguém diz “Pedro é quem vai fazer o jantar hoje”, então você responde “Pedro fazendo comida?!”. Embora, no português, o sujeito não esteja no caso acusativo e verbo não esteja no infinitivo, mantém-se a restrição a marcadores modo-temporais, uma vez que o verbo é usado no gerúndio⁷. Dessa maneira, as três construções aqui estudadas herdam, da construção de Resposta Incrédula, a restrição a marcadores modo-temporais no polo da forma e a ideia de réplica incrédula no polo do significado.

Em suma, a partir da análise das propriedades que as três construções aqui estudadas compartilham com outras construções do português brasileiro, foi possível montar uma rede de construções, que ilustra as relações de motivação entre elas. Essas relações estão sintetizadas na tabela a seguir:

Herda as propriedades...	da construção formalmente semelhante...
Item “Que” + intensificação	QUE X
Item “Nada” + réplica negativa	X + NADA
Item “Mané” + valor pejorativo	MANÉ
Item “O Que?” + incredulidade e contexto de réplica	X O QUE?
Restrição a marcadores modo-temporais + réplica incrédula	Construção de Resposta Incrédula

TABELA 1 – Síntese das relações construcionais

⁷ O verbo usado nessa construção também pode estar no infinitivo, com em “Pedro fazer comida?”, o que reforça a proposta de que há uma restrição a marcadores modo-temporais na construção.

Agora que demonstramos o que as três construções têm em comum, vamos diferenciá-las na próxima seção.

Diferenciando as construções

De acordo com o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), se duas construções são formalmente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Desse modo, Goldberg propõe que não existem sinônimos, isto é, que devem existir diferenças semântico-pragmáticas entre construções formalmente distintas. E são essas diferenças que vamos discutir.

Ao descrevermos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada], notamos que elas aparecem em contexto de réplica como uma negação enfática de uma proposição pressuposta, que se manifesta de diferentes formas. E foi a partir de uma análise semântico-pragmática dessas diferentes formas de manifestação que pudemos identificar uma diferença entre as construções.

Essa proposição pressuposta pode estar atrelada ao discurso prévio de forma explícita ou implicada (neste último caso, a partir de uma implicatura generalizada), ou pode estar atrelada ao conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Com base nisso, elaboramos a hipótese de que os diferentes padrões da família de construções idiomáticas de rejeição enfática poderiam se especializar nas diferentes formas de manifestação do conteúdo pressuposto. A partir desse parâmetro, os dados do *corpus* podem ser distribuídos da maneira como se observa na tabela abaixo:

	Discurso Prévio		Conhecimento Compartilhado
	Explícito	Implícito	
Que Mané X	5	6	1
Que X o quê	5	1	0
Que X que nada	0	0	8

Na tabela acima, colocamos os resultados das análises dos dados coletados em relação a cada construção e cada forma de manifestação da proposição pressuposta. Dos 12 dados da construção [Que Mané X], apenas um uso teve sua proposição pressuposta atrelada ao conhecimento compartilhado. Os outros onze usos tiveram suas proposições pressupostas atreladas ao discurso prévio, sendo cinco de maneira explícita e seis de modo implicado.

Já nos dados da construção [Que X o quê], não tivemos nenhum caso de proposição pressuposta atrelado ao conhecimento compartilhado. Todos os seis dados tiveram suas pressuposições atreladas ao discurso prévio, sendo cinco de forma explícita e um de forma implicada.

E, por fim, todos os oito dados da construção [Que X que nada] tinham suas proposições pressupostas atreladas ao conhecimento compartilhado.

Sendo assim, notamos que a construção [Que X que nada] parece ter se especializado na negação enfática de proposições pressupostas pelo conhecimento compartilhado entre falantes de uma comunidade de fala, ao contrário das outras duas construções. As construções [Que Mané X] e [Que X o quê] não demonstraram diferenças numéricas relevantes o suficiente para conseguirmos diferenciá-las.

Desse modo, temos uma diferenciação parcial entre as construções. Isso pode ter ocorrido em função do tamanho reduzido da amostra ou pelo fato de termos utilizado apenas um critério de diferenciação. Porém, já consideramos como um avanço considerável na tarefa de diferenciar as construções e confirmar a validade do Princípio da Não-Sinonímia

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos contribuir para as discussões sobre construções idiomáticas com base na Gramática de Construções Baseada no Uso. O interesse por esse objeto foi o que deu o impulso inicial à Gramática de Construções nos Estados Unidos nos anos 1980, e estudos dessa natureza ainda são recorrentes na língua inglesa. Sendo assim, procuramos contribuir para a expansão desses estudos no português brasileiro.

Desse modo, descrevemos as construções [Que Mané X], [Que X o quê] e [Que X que nada] a partir dos preceitos da GCBU e verificamos a validade de dois dos princípios psicológicos de organização do conhecimento linguístico da Goldberg (1995): o Princípio da Motivação Maximizada e o Princípio da Não-Sinonímia. Além disso, conseguimos diferenciar pragmaticamente a construção [Que X que nada] das outras duas construções aqui estudadas.

Como as construções são bipolares, com um polo da forma e um do significado, ao descrevê-las, tivemos que apresentar as propriedades presentes em cada um deles. Dessa maneira, observamos que, no polo da forma, as três construções apresentam o elemento “Que” em posição inicial e uma aparente restrição a determinantes e marcadores modo-temporais. No polo do significado, notamos que elas aparecem em contexto de réplica com a função de rejeição enfática de uma proposição pressuposta.

Após a descrição, focamos nos princípios goldibergianos. Ao analisar a aplicação do Princípio da Motivação Maximizada, encontramos propriedades em comum com diversas construções do português brasileiro e apresentamos as ligações de herança entre elas em uma rede de construções. Em seguida, tentamos diferenciá-las, tarefa na qual tivemos sucesso parcial. As construções [Que Mané X] e [Que X o quê] não apresentaram diferenças significativas, enquanto a construção [Que X que nada] aparentemente tem seu uso especializado na negação de proposições pressupostas a partir de conhecimento compartilhado, ao contrário das outras duas, que negam proposições pressupostas presentes no discurso prévio.

Vale ressaltar que ainda há espaço para desenvolver os achados em relação à diferenciação entre as três construções. Acreditamos que a pouca quantidade de dados encontrados pode ter atrapalhado o trabalho de diferenciá-las.

Apesar do estudo de construções idiomáticas ser muito comum em inglês, elas não são estudadas tão extensivamente no português brasileiro. Além disso, as três construções aqui trabalhadas ainda não tinham sido investigadas. Assim, esta pesquisa contribui para a expansão do conhecimento sobre a rede construcional do português brasileiro.

Referências

AMPHILÓPHIO FUMAUX, Nuciene Caroline; SAMPAIO BRAGA ALONSO, Karen; CEZARIO, Maria Maura. CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE UM MONTE DE SN: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO. *Percursos Linguísticos*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 139–158, 2017.

FILMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 1988.

FILMORE, C. Syntactic Intrusions and *The notion of Construction Grammar. Proceedings of the Eleventh Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 73-86, 1985.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____. AUWERA, J. V. de. This is to count as a construction. *Folia Linguistica*, 46, 1, p. 109-132, 2012

GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. (1975).

KAY, P. The Kind of/Sort of Construction. *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 157-171, 1984.

LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

_____. “What, me worry?” – ‘Mad Magazine Sentences’ Revisited. *Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 215-228, 1990.

LEVINSON, Stephen C. *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature* Language, Speech, and Communication. Massachusetts: MIT Press, 2000.

SZCZESNIAK, K. What? Me, lie? The Form and Reading of the Incredulity Response Construction. *Construction Journal*, 1, p. 1- 13, 2015.

Recebido em: 04 de fevereiro de 2025
Aceito em: 02 março de 2025